

FERDINAND DENIS, PROMOTOR DO INDIANISMO BRASILEIRO

Andrey Pereira de Oliveira¹

1. INTRODUÇÃO

A década de 20 do século XIX foi palco de uma espécie de “promoção européia do Brasil americano, anticlássico e antieuropeu” – para utilizarmos a expressão de Antônio Soares Amora (1977, p. 57) – que estimulou e estabeleceu vias para as propostas de valorização da cultura nacional ou de nacionalização ou americanização da literatura brasileira que na década de 30 seriam defendidas tanto pelos integrantes da Sociedade Filomática quanto pelos integrantes do grupo da *Niterói – Revista Brasiliense*. Nesse processo foi fundamental a participação de alguns brasilianistas europeus que, na esteira da crescente curiosidade e simpatia pelas coisas americanas vistas na Europa nos fins do século XVIII e inícios do XIX, voltaram os olhos para o Brasil e perceberam, e nos fizeram perceber, as peculiaridades próprias ao país. O exotismo da paisagem natural e dos costumes, o clima tropical e a raça famosa por ter sido vinculada, desde as descobertas, às idéias de pureza e liberdade do “bom selvagem” – tudo que se apresentava como original em relação aos padrões europeus foi primeiramente por eles valorizado e estimulado a fazer parte de nossas manifestações culturais e literárias, as quais deveriam ser essencialmente americanas, diversas, portanto, dos modelos clássicos europeus. Destacam-se como fundamentais neste processo de autonomia da literatura brasileira por via do discurso da “americanização” os nomes de Almeida Garrett e, principalmente, de Ferdinand Denis.

2. ALMEIDA GARRETT

A contribuição de Almeida Garrett encontra-se no ensaio “História abreviada da língua e poesia portuguesa”, publicado em 1826 como introdução ao *Parnaso lusitano ou poesias dos autores portugueses antigos e modernos*. Precisamente no sexto capítulo do ensaio, ao considerar às “produções dos engenhos brasileiros”, que avultavam e enriqueciam a literatura portuguesa, afirma:

Certo é que as majestosas e novas cenas da natureza naquela vasta região deviam ter dado a seus poetas originalidade, mais diferentes imagens, expressões e estilo, do que neles aparece; a educação européia apagou-lhes o espírito nacional: parece que se receiam de se mostrar americanos; e daí lhes vem uma afetação e impropriedade que dá quebra em suas melhores qualidades (GARRETT, 1998, p. 56-57).

Garrett demonstra essa sua posição ao tratar individualmente das obras de Santa Rita Durão, Tomás Antônio Gonzaga e Basílio da Gama. Sempre após tecer comentários bastante elogiosos, o escritor português não se priva de lhes fazer reparos. Assim sobre o *Caramuru*, afirma que Durão “só se estendeu em os menos poéticos objetos; e daí esfriou muito do grande interesse que a novidade do assunto e as variedades das cenas prometia” (p. 57).

¹ Universidade Federal da Paraíba.

Comentando a *Marília de Dirceu*, diz que quisera que “em vez de nos debuxar no Brasil cenas da Arcádia, quadros inteiramente europeus, pintasse os seus painéis com as cores do país onde os situou” (p. 57). E prossegue, lamentando esse “fatal erro”, passa a vislumbrar Marília como uma personagem do idílio *Paul et Virginie*, de Bernardin de Saint-Pierre, envolta por palmeiras, sabiás, cotias, tatus, martírios e cafezais. Por fim, a respeito de Basílio da Gama, Garrett afirma que ele “mais nacional foi que nenhum de seus compatriotas brasileiros. [...] Os Brasileiros principalmente lhe devem a melhor coroa de sua poesia, que nele é verdadeiramente nacional, e legítima americana” (p. 58). No entanto, mesmo o autor de *O Uruguai* merece censuras de Garrett não apenas por conta de “algumas incorreções de estilo, algumas repetições, e um certo desalinho geral” (p. 58), mas também por não ter dado ao seu poema uma maior amplidão cobrada por “quadro tão magnífico” (p. 58). Esses comentários de Garrett acusam claramente sua cobrança quanto à incorporação maciça na literatura produzida no Brasil dos traços peculiares à ex-colônia.

3. FERDINAND DENIS

Também em 1826, mesmo ano da publicação do ensaio de Almeida Garrett, Ferdinand Denis publica um texto que pode ser considerado, pela influência que exerceu, o mais importante para o desenvolvimento da consciência nacional da literatura brasileira (CANDIDO, 2002, p. 22). Trata-se da parte relativa ao Brasil do volume *Resumo da história literária de Portugal, seguido do resumo da história literária do Brasil*.²

De um modo geral, pode-se afirmar que o ensaio de Ferdinand Denis desenvolve-se na mesma linha de pensamento exposto por Almeida Garrett, sendo, no entanto, um trabalho bem mais profundo e claramente mais engajado. Há de ser ressaltada, no entanto, uma diferença importante entre os estudos. Diferentemente de Garrett, que se ocupara do Brasil apenas³ em um pequeno capítulo de sua “História abreviada da língua e poesia portuguesa” – na qual considerava que as produções literárias dos brasileiros pertenciam à literatura de Portugal – Denis atribui à literatura do Brasil um caráter de independência em relação à literatura da antiga Metrópole, o que o faz considerá-la à parte e dedicar-lhe um longo ensaio dividido em nove capítulos. Se ambos defendem que os brasileiros elejam para os temas de suas composições a originalidade das cenas americanas, apenas Denis (1978, p. 36) dá a esta posição um teor político, ao afirmar que “[...] a América deve ser livre tanto na sua poesia como no seu governo”.

Antes de propriamente comentar a evolução da literatura brasileira, Denis apresenta alguns pressupostos, que desenvolve na seção de abertura do ensaio, intitulada “Considerações gerais sobre o caráter que a poesia deve assumir no Novo Mundo”. Nesta parte – em cujo título sobressai-se a carga imperativa do verbo “dever” – Denis parte da constatação de que, enquanto eram mantidos como colônias, os países da América Meridional

² Tendo vivido no Brasil por quase três anos (1816-1819), Ferdinand Denis dedicou-se a estudos sobre o Brasil, a América e a Península Ibérica, dos quais derivaram os seguintes títulos: *Le Brésil* (1821), *Buenos Ayres* (1823), *La Guyane* (1824), *Scènes de la nature sous les tropiques et leur influence sur la poésie, suivies de Camoens et Jozé Índio* (1824), *Resume de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du résumé de l'histoire littéraire du Brésil* (1826), *Croniques chevaleresques de l'Espagne e du Portugal* (1837) e *Le Portugal* (1847) (AMORA, 1977, p. 58). Desta bibliografia de Denis acerca do Brasil, deve-se destacar a novela indianista “Os Maxacalis”, contida nas *Scènes de la nature sous les tropiques et leur influence sur la poésie, suivies de Camoens et Jozé Índio* (1824). Nela, o escritor põe em prática, com algumas constrações que não cabem ser aqui apontadas, os princípios que ele entendia serem os mais adequados ao desenvolvimento da literatura brasileira.

³ Na verdade, segundo afirma Massaud Moisés (1994, p. 133), Garrett deixou incompleta uma novela de tema brasileiro intitulada *Helena*, que foi publicada postumamente em 1871.

eram duplamente sujeitados: tanto por laços políticos quanto pela ignorância cultural, visto ser proibida nesta região do globo a livre circulação dos livros. Considerando daí em diante o caso específico do Brasil, avalia que, juntamente com a transferência da sede do governo português para o Rio de Janeiro, foi também trazido o gosto das ciências e das artes. Mesmo essa mudança, no entanto, não havia sido suficiente para fazer dos autores brasileiros homens plenamente conscientes do estabelecimento de uma literatura própria. Só com a independência, com a “necessidade de adotar instituições diferentes das que lhe havia imposto a Europa” (p. 36), os brasileiros passaram a idealizar uma poesia derivada de “uma fonte que verdadeiramente lhe pertença” (p. 36). Se essa poesia verdadeiramente americana – no caso, melhor dizer brasileira – não poderia se furtar ao uso da língua adotada pela imposição do colonizador europeu, deveria, pelo menos, rejeitar a mitologia clássica, que não estava “de acordo nem com o clima, nem com a natureza, nem com as tradições” (p. 36) da América, em favor de “pensamentos novos e enérgicos” (p. 36)⁴. É neste ponto do ensaio que Denis faz uma declaração que encontraria longo e forte eco na tradição crítica do Romantismo do Brasil: “[...] a América deve ser livre tanto na poesia como no seu governo” (p. 36).

Na base dos “pensamentos novos e enérgicos”, ou seja, da liberdade poética clamada por Denis, está o indianismo. Enquanto Almeida Garrett (1998, p. 56) trata, de modo vago, das “majestosas e novas cenas da natureza naquela vasta região”, sem mencionar explicitamente o nativo americano, o escritor francês eleva este a um lugar de destaque e percebe no índio e seus costumes as tradições a serem eleitas pela literatura brasileira, numa atitude fundante do pensamento indianista e indigenista romântico. Seguindo uma perspectiva cara à época que cobrava da literatura uma historicidade, isto é, que pregava que ela fosse construída a partir de resgates de bases históricas, Denis (1978, p. 36) afirma que

A sua [da literatura brasileira] idade das fábulas misteriosas e poéticas serão os séculos em que viveram os povos que exterminamos e que nos surpreendem por sua coragem, e que retemperam talvez as nações saídas do Velho Mundo: a recordação de sua grandeza selvagem cumulará a alma de orgulho, suas crenças religiosas animarão os desertos; os cantos poéticos, conservados por algumas nações, embelezarão as florestas.

A recuperação do universo das nações indígenas proposta por Denis diverge bastante da ocorrida durante todo o período colonial. Nas epopéias desse período, o nativo das Américas era concebido como um “outro”, como uma raça inferior à branca que, sem lei, nem fé, nem rei, vivia a cometer barbaridades e que, caso necessário fosse aos empreendimentos colonizadores, seria exterminado. Já em Denis, toda a lógica colonial é subvertida, a começar pela consciência da culpabilidade dos europeus pelo seu extermínio. Em regra, o que se percebe então é uma simpatia pelo índio, uma proposta de respeito e compreensão ao nativo e sua cultura (as crenças, os cantos), tudo envolto agora em um tom de grandeza, capaz, inclusive, de dar sua contribuição à Europa.

A expressão “idade das fábulas misteriosas” encerra em si o procedimento dos artistas românticos no jogo de recuperação dos tempos pretéritos. Neste jogo, o resgate de um contexto histórico é re-elaborado pelas idealizações comuns ao mundo da fábula e do mistério, não se pretendendo como verdade científica. Os antigos costumes dos povos indígenas seriam, segundo Denis (1978, p. 36-37), uma fonte fecunda do “maravilhoso, tão necessário à poesia” (p. 36), não sendo inferior aos tempos fabulosos da Grécia nem pelo

⁴ Nesse ponto da exposição de Ferdinand Denis fica evidente sua adesão ao pensamento anteriormente desenvolvido, entre outros, por Montesquieu, Herder e por M^{me} Stäel, acerca da relação entre clima e o caráter das nações.

esplendor da natureza, nem pelo heroísmo dos homens, “de quem não se podia arrancar um só lamento, em meio a horríveis suplícios, e que pediam novos tormentos a seus inimigos, porque os tormentos tornam a glória maior [...]” (p. 37). Desta forma, estava Denis propondo a substituição do maravilhoso clássico pelo maravilhoso indígena. Além disso, vê-se aqui patente a idealização da bravura e destemor indígenas que passam a estar sempre presentes não apenas na poesia indianista de Gonçalves Dias, mas também em todo o indianismo do período romântico. Além da bravura e do destemor, o francês percebe nos índios uma outra característica, a simplicidade, que no caso, melhor seria considerada como a ingenuidade das credências que não lhes permitiu logo de início saberem dos propósitos destrutivos dos europeus:

Seus combates, seus sacrifícios, nossas conquistas, tudo apresenta aspecto esplendoroso. À chegada dos europeus, pensaram, na sua simplicidade, que se confiavam à proteção de deuses; mas, quando perceberam que deviam combater contra homens, morreram sem conhecer derrota. A voz de seu deus era o raio; seu templo, o deserto; para eles mil gênios fantásticos animavam a natureza, ajudavam os homens ou destes se faziam temidos (p. 37).

A natureza brasileira também é exaltada pelo escritor francês em comparações que deixam patente a superioridade da “floresta virgem” em relação à natureza européia, descrita como uma “natureza já esgotada pelo trabalho de séculos” ou ainda como “bosques continuamente devastados pelo lenhador”. Destaca ainda a maior vitalidade dos animais dos campos americanos, seu “litoral mais impressionante”, bem como seu “céu ofuscante de esplendor, cujo brilho faria empalidecer [...] Apolo”. Considerando, enfim, a natureza brasileira “muito favorável aos desenvolvimentos do gênio”, e numa conclusão coerente com todo seu discurso de valorização do Novo Mundo frente ao Velho Mundo, Denis assevera que “Se os poetas dessas regiões fitarem a natureza, se se penetrarem da grandeza que ela oferece, dentro de poucos anos serão iguais a nós, talvez nossos mestres” (p. 37).

Como proposto por Denis, no entanto, o retorno ao passado americano não deveria restringir-se à idealizada celebração da exótica natureza americana nem à pintura dos costumes indígenas anteriores ao contato com os adventícios da Europa. Consciente do ocorrido nos “três séculos de destruição” em que a “civilização destruiu lentamente” (p. 37) os povos indígenas, ele defende que os poetas não poderiam se furtar de lembrar os “erros do passado”, devendo resgatar em suas obras o momento trágico do encontro das duas raças, não endossando as ações de extermínio dos europeus colonizadores como fizeram os poetas épicos coloniais, mas sim apiedando-se do sofrimento dos nativos da América:

[...] pendure a sua lira por instantes nos galhos dessas árvores antigas, cujas sombrias ramadas ocultam tantas cenas de perseguição; retome-a após haver lançado um olhar de compaixão aos séculos transcorridos; lamente as nações exterminadas, excite uma piedade tardia, mas favorável aos restos das tribos indígenas; e que este povo exilado, diferente na cor e nos costumes, não seja nunca esquecido pelos cantos do poeta; adote uma nova pátria e cante-a ele mesmo; console-se à lembrança de outros infortúnios, rejubile-se com a radiosa esperança que lhe dá um povo humano (1978, p. 38).

Ferdinand Denis (1978, p. 38) ainda ressalta ter o homem brasileiro o gênio predisposto à poesia, independentemente da raça de que descenda: “[...] arrebatado como o africano;

cavalleiresco, como o guerreiro das margens do Tejo; sonhador, como o americano, quer percorra as florestas primitivas, quer cultive as terras mais férteis do mundo, quer apascente seus rebanhos nas vastas pastagens, é poeta [...]”.

De um modo geral, segundo preconizara Ferdinand Denis neste primeiro capítulo de seu ensaio, o “caráter que a poesia deve[ria] assumir no Novo Mundo”, consistiria em buscar sua inspiração na fonte própria de suas tradições, substituindo o maravilhoso clássico pelo maravilhoso indígena, abordando a bravura e os costumes dos índios, pintando em cores vivas a natureza americana e rememorando o encontro entre os nativos americanos e os europeus, ressaltando-se o quanto tal encontro fora desastroso para aqueles.

Já nos oito capítulos seguintes, o escritor francês passa em revista alguns autores da literatura brasileira. Como já fizera no capítulo anterior, Ferdinand Denis reafirma a dificuldade em se estabelecer o início de nossa literatura e começa seus comentários com poucas linhas a respeito de um poeta que era “considerado como um dos autores mais antigos desses países” (p. 42), Bento Teixeira, a quem chama Bento Teixeira Pinto, inserindo-se na série de historiadores que confundiram o verdadeiro nome do poeta. O equívoco no nome de Bento Teixeira, bem como a escassez de informações acerca de sua obra, não é um caso isolado no ensaio de Denis, repleto de informações problemáticas, as quais, no entanto, podem ser justificadas pelo pioneirismo de seu trabalho de pesquisa, bem como pelas dificuldades que se tinha à época de se conseguir ter em mãos as obras, ou mesmo mínimas informações sobre os escritores. Após Bento Teixeira, segue uma série de autores que produziram até o século XVIII, sobre os quais afirma Denis (p. 45) que em sua maioria “não podem aspirar a grande renome literário”, tendo sido por ele mencionados “porque atestam os primeiros esforços da nação brasileira a bem das letras, e assinalam um ponto de partida que é sempre curioso observar”.

Em todo o ensaio os únicos escritores a terem suas obras realmente comentadas são o Frei José de Santa Rita Durão, Basílio da Gama e Tomás Antônio Gonzaga – que é chamado de Gonzaga da Costa. O que se afirma sobre os demais não passa de esboços escritos ou com muita pressa ou sem nenhum material⁵. A exemplo do que fizera Garrett, e coerente com o que havia exposto no capítulo introdutório do ensaio, Ferdinand Denis não se priva de reclamar nas obras analisadas uma maior incorporação da realidade americana. Segundo o autor:

Os americanos não têm feito sempre sentir em suas produções, o influxo da natureza que os inspirou; antes da Independência, parecia até pretenderem olvidar a própria pátria para pedir à Europa um quinhão da sua glória. Agora, que têm necessidade de fundar sua literatura, repito: ela deve ter caráter original (DENIS, 1978, p. 47).

O poema de Durão é considerado pelo ensaísta francês como o “primeiro poema épico escrito no Brasil, detentor de algum renome”, tendo-se inspirado “no mais poético episódio que se seguiu ao descobrimento desse formoso país” (p. 47). Seus comentários giram sempre em torno do que ele nomeia de “cor local”, e a isto justifica afirmando que os primórdios de um povo sempre despertam curiosidade e que *Caramuru* era completamente desconhecido na Europa. Justamente por essa razão, Denis encontra espaço para comentar a antropofagia. Assim como os cronistas do século XVI e os poetas das epopéias coloniais, o ensaísta mostra-se estupefato com esta prática. Como aqueles, não a aceita, mas (e isto é o que faz toda a diferença!) faz um esforço para respeitá-la e compreendê-la. A despeito de considerar as

⁵ No final do segundo capítulo do ensaio, Denis remete o leitor às páginas de seu livro referentes à literatura portuguesa – ou seja, ao “Resumo da história literária de Portugal” – em que há seus comentários a cerca de o dramaturgo Antônio José da Silva, outro autor brasileiro contemplado com um comentário mais desenvolvido.

estrofes de Durão referentes à antropofagia como um “quadro arrepiante”, que “oferecem algo dantesco, mercê da imagem terrível que sugerem” (p. 54), Ferdinand Denis mostra-se crítico ao enxergar exagero nos versos que descrevem os nativos devorando as vítimas do naufrágio apanhadas na praia, argumentando que, “não se deve crer [...] que tais povos tivessem instintos ferozes: a antropofagia era entre eles uma prática monstruosa a que se submetiam sem protesto, destinando-lhes as pessoas caídas em seu poder”. E prossegue mais adiante, afirmando que “Ordinariamente, tais cenas horripilantes faziam parte de horrendas cerimônias, preparadas com muita antecedência” (p. 48). Ou seja, apesar de não endossá-la, considerando-a monstruosa e horrenda, Denis não encara a antropofagia como uma simples prática de canibalismo selvagem desprovida de um significado cerimonioso e ritualístico, como se depreende da leitura dos versos de Durão. Tratando especificamente dos índios que a esta prática se entregavam, nega que deles se tenha uma visão parcial que os reduza a feras, afirmando que: “A natureza prodigalizou-lhes todos os seus bens; e por inconcebível extravagância, reúnem eles a inocência das idades primitivas a uma ferocidade que a mais corrompida civilização não logra conceber” (p. 48). Em consequência, diferentemente da maioria dos escritores coloniais, que consideravam os índios antropófagos como animais e não como seres humanos, Denis observa nessa prática um exemplo da “cruel singularidade do coração humano” (p. 55, grifo nosso).

A despeito das críticas que compartilha com as outras obras, *Caramuru* é de todas a que merece os comentários mais elogios do ensaísta, o qual afirma: “[...] julguei-me obrigado a analisar a obra de Durão, porque reveste caráter nacional, apesar de suas imperfeições, e assinala claramente o objetivo a que deve dirigir-se a poesia americana” (p. 57). Tais imperfeições referem-se tanto ao estilo – que nem sempre teria correspondido à concepção – quanto à incapacidade do poeta de dar conta da “descrição da natureza grandiosa, cheia de pompa, assim como dos costumes que lembram os tempos primitivos” (p. 47). O que faz Denis considerar “verdadeiramente lastimável que não se encontre no Brasil um Cooper para dar à Europa uma idéia exata dessas tribos cujos remanescentes vagam ainda nas florestas das capitânicas desertas” (p. 53).

O Uruguai não escapa a uma crítica de semelhante teor americanista. De acordo com Ferdinand Denis, apesar de o poema de Basílio da Gama ter versado sobre um assunto digno de desenvolvimento e de ter realizado uma “hábil descrição do Novo Mundo” (p. 58), o poeta não logrou desenvolver em plenitude o seu tema, que possibilitaria um “curiosa análise de caracteres e animada pintura das paixões daqueles homens, tão diversos no concernente aos hábitos e costumes” (p. 58), distingue-se mais pela correção do estilo do que pela originalidade da concepção, sendo mais “interessante pelas particularidades poéticas do que pela impressão que possa causar” (p. 58). Lamenta, portanto, não ter Basílio da Gama

esboçado um painel mais completo do interior das Missões, e que uma pintura fiel não nos tenha iniciado mais profundamente no grande mistério dessa civilização espontânea, que assombrou, por justa causa, o mundo antigo, e que se extinguiu tão rapidamente como se havia desenvolvido (p. 58).

Apesar dos reparos, *O Uruguai* recebe de Ferdinand Denis os seguintes comentários:

Essas diferentes obras⁶ indicam algo que sem dúvida não terá escapado ao leitor, ou seja, a poesia, no Brasil, parece dirigir-se para

⁶ Nesta passagem, Denis refere-se não apenas a *O Uruguai*, mas igualmente aos poemas *Quitúbia*, também da autoria de Basílio da Gama, e *Tripoli*, de José Francisco Cardoso.

novos rumos. Tira seus assuntos de uma natureza que não lhe é desconhecida, e essa tendência dos espíritos faz prever excelentes resultados (DENIS, 1978, p. 65).

Em Gonzaga, Denis percebe um “poeta de inspiração primitiva”, considerando – à maneira de Rousseau – tal adjetivo de forma positiva, uma vez que defende que “não é entre a sociedade corrompida pelos erros da civilização que se devem buscar tais poetas, que exercem sempre influência vivaz em nossas lembranças” (p. 47). No entanto, afirma que deveria ser criticado “o reiterado emprego de metáforas sugeridas pela mitologia, e de formas da poesia pastoril difundidas por Fontenelle: tudo isso pouco convém ao poeta brasileiro, habitante de regiões onde a natureza mais ostenta esplendor e majestade” (p. 66-67). Por essa razão considera superior a segunda parte da obra, a qual, tendo sido escrita “para iludir os desgostos da prisão; transmite a impressão que sempre nos deixa a narrativa de todo infortúnio verdadeiro” (p. 66).

4. CONCLUSÃO

Como se pode depreender, Ferdinand Denis mostra-se insistente em sua proposta de americanização das letras brasileiras. Em cada uma das obras, destaca o que ela apresenta de cor local e, num passo seguinte, reclama este não ter sido utilizado com mais frequência. Nessa sua atitude – que como já vimos era também defendida por Garrett – de cobrar dos poetas árcades uma maior incorporação da realidade americana, pode-se perceber um anacronismo crítico. Tendo produzido sob a égide do mimetismo que imperava à época e que incitava os autores a seguirem os modelos clássicos, cujas características básicas são o convencionalismo e o artificialismo, a estes escritores pouca liberdade era facultada para, quebrando as convenções clássicas, particularizar seus cantos, adequando-os à mitologia indígena. Por outro lado, essas propostas de Garrett e Denis que defendiam que a literatura brasileira se afirmasse pela diferença, pelo não compartilhado com os europeus, acabaram resultando em um atrofiamiento das possibilidades. O brasileiro, a despeito de sua complexidade humana e étnica, deveria identificar-se exclusivamente com o nativo; e mesmo este seria reduzido às suas superficialidades exóticas. Em vários momentos do ensaio de Ferdinand Denis, fica explícito que suas propostas aos brasileiros estão sempre vinculadas à saciedade da curiosidade pelo exótico do leitor europeu. Tratando da obra de Domingos Borges de Barros (Visconde de Pedra Branca), comenta Denis: “É desejável que se entregue especialmente à pintura daquelas regiões, tão interessantes para os europeus: é isso talvez o que se lamenta não haja com mais frequência na sua coletânea” (p. 73).

REFERÊNCIAS

- AMORA, Antonio Soares. **O romantismo**. São Paulo: Cultrix, 1977.
- CANDIDO, Antonio. **O Romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas; FFLCH (USP), 2002.
- DENIS, Ferdinand. Resumo da história literária do Brasil. In: CÉSAR, Guilhermino (org.). **Historiadores e críticos do romantismo: 1- a contribuição européia: crítica e história literária**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978. p. 35-82.
- GARRETT, Almeida. Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa. In: ZILBERMAN, Regina e MOREIRA, Maria Eunice. **O berço do cânone**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998. p. 29-73.
- MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.